



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA: A
CONSTRUÇÃO DO SABER ATRAVÉS DO LÚDICO NO TEATRO**

REJANE MARIA DA SILVA OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

REJANE MARIA DA SILVA OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA: A
CONSTRUÇÃO DO SABER ATRAVÉS DO LÚDICO NO TEATRO**

Projeto de Pesquisa apresentado à
Coordenadoria Geral dos Cursos de Pós-
graduação da Universidade Estadual da
Paraíba, como exigência parcial para a
conclusão do Curso de Especialização em
Formação do Educador.

Orientadora: Profa. Dra. Joseilda de
Sousa Diniz

CAMPINA GRANDE - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48p Oliveira, Rejane Maria da Silva
O processo de ensino-aprendizagem na escola pública
[manuscrito] : a construção do saber através do lúdico no teatro /
Rejane Maria da Silva Oliveira. - 2014.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Formação de Professores da
Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria
de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Joseilda de Sousa Diniz,
Departamento de Educação".

1. Lúdico 2. Teatro 3. Leitura I. Título.

21. ed. CDD 372.4

REJANE MARIA DA SILVA OLIVEIRA

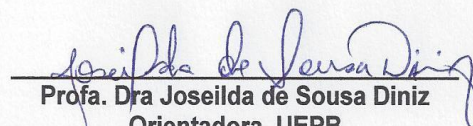
O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA: A
CONSTRUÇÃO DO SABER ATRAVÉS DO LÚDICO NO TEATRO

Monografia apresentada à Coordenação
Geral dos Cursos de Pós Graduação da
Universidade Estadual da Paraíba, como
exigência parcial para a obtenção do
título de Especialista em Formação de
Professores da Educação Básica.

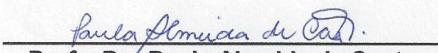
Orientadora: Profa. Dra Joseilda de Sousa
Diniz.

Aprovado em 18 / 07 / 2014


Banca Examinadora



Profa. Dra Joseilda de Sousa Diniz
Orientadora, UEPB



Profa. Dra Paula Almeida de Castro
Examinadora, UEPB



Profa. Ms. Roberta Soares Paiva
Examinadora, UEPB

Agradecimentos

Agradecemos á autora Maria de Lourdes Nunes Ramalho pela confiança, deixando-nos ler e utilizar os poemas da primeira versão do manuscrito: “Iniciação à arte de dizer” (Dramaturgia infanto-juvenil), que será lançado pela UEPB (no prelo).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a importância da leitura de textos teatrais em verso e prosa, na educação básica para que nesta, a imaginação e a fantasia estejam presentes, contribuindo para com a construção do saber e resgatando a autoconfiança, a autoestima, a criatividade e a criticidade dos educandos da instituição escolar. Para aprofundarmos esse assunto, nos fundamentamos em vários teóricos, dentro eles: Cagliari (1999); Cordeiro (2007); Craidy e Kaercher (2001); Rojo (2009) e Soares(1998). A metodologia utilizada, neste trabalho, baseou-se na leitura e estudo de vários poemas e do texto teatral: Dom ratinho e Dom gatão de Lourdes Ramalho. Nesta pesquisa, vivenciamos com os alunos do 4º ano, a dramatização relacionada à peça teatral acima citada. Os resultados sinalizam que a utilização do lúdico, no teatro, na instituição escolar é essencial para a construção de uma escola atrativa, que estimule atitudes como a superação, a responsabilidade, o desafio e o encanto em descobrir o prazer pelo conhecimento.

Palavras-chave: Lúdico. Leitura, Teatro.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze the importance of reading dramas in verse and prose in basic education for this, imagination and fantasy are present, contributing to the construction of knowledge and recovering the confidence, self-esteem, creativity and the criticality of the students of the school. To deepen this subject, we base in various theoretical within them: Cagliari (1999); Lamb (2007); Craidy and Kaercher (2001); Rojo (2009) and Smith (1998). The methodology used in this study was based on the reading and study of several poems and theatrical text: Don mouse and gift of Lourdes Ramalho hunk. In this research, we experience with students of the 4th year, the drama related to the play mentioned above. The results indicate that the use of the play at the theater in schools is essential to building an attractive school that encourages attitudes such as resilience, responsibility, challenge and delight in discovering the pleasure of knowledge.

Keywords: Recreation. Reading. Theater.

Sumário

| | |
|---------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. OBJETIVOS | 9 |
| 2.1 OBJETIVO GERAL | 9 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 9 |
| 3. JUSTIFICATIVA | 10 |
| METODOLOGIA..... | 12 |
| FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 14 |
| REFLETINDO A PRÁTICA..... | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| CRONOGRAMA..... | 32 |
| ANEXOS | 35 |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu da necessidade de, como educadora propiciar encontros prazerosos com a arte, levando o teatro para a instituição de educação básica, onde trabalho e, a partir deste, colaborar para que a escola seja um ambiente onde o lúdico esteja mais presente, contribuindo também para o desenvolvimento do aspecto cognitivo e psicomotor, tornando os educandos atores principais no processo de aprendizagem, pois uma das situações que mais me inquietava, enquanto educadora no ensino fundamental, era a ausência de atividades que envolvesse a leitura, concomitantemente com os movimentos corporais de forma lúdica e sistemática, concorrendo para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

No Brasil, o índice de reprovação escolar ainda é algo preocupante. A metodologia dos educadores e educadoras, adotada no Ensino Fundamental tem tornado as aulas cansativas e desestimulantes. Não se respeita o direito do educando, nesta etapa, ser criança com suas características e peculiaridades.

O lúdico no teatro é algo que pode contribuir para a aquisição da leitura e da escrita, pois a brincadeira, a fantasia e a criatividade ainda fazem parte do universo dos educandos no Ensino Fundamental.

Para trabalharmos teatro, escolhemos como *corpus* três textos poéticos (“Dia das Mães”, “Deus e a Natureza”, Dom Ratinho e Dom Gatão) poéticos da professora, poetisa, cordelista e dramaturga Maria de Lourdes Nunes Ramalho, natural do Rio Grande do Norte, radicada na Paraíba, vivendo durante muitos anos em Campina Grande. Descendente de uma família de artistas, muitos dos quais, músicos, dramaturgos, poetas, cantadores – repentistas, glosadores, enfim, uma família cuja arte está no centro da sua gênese.

Na historiografia dos grandes poetas, cantadores e glosadores de nossa poesia nordestina encontra-se a célebre genealogia da família Nunes da Costa, Nunes Batista, dentre outros nomes da longa genealogia de que descende à autora. Seu bisavô, mestre Ugolino Nunes da Costa, conhecido como GULINO DO SABUGI, foi considerado o maior repentista e violeiro de sua época. Desta família, a maioria

escreve poesia e compõe música. Seu trisavô Agostinho da Costa Júnior Teixeira, (1760), foi considerado “o pai da poesia nordestina”.

Lourdes Ramalho é autora de mais de 200 textos teatrais em prosa e cordel voltados para o público adulto e infanto-juvenil. Muitos dos quais são inéditos, conforme descreve Joseilda Diniz (2014) que trabalha atualmente no mapeamento da obra da escritora.

Os movimentos corporais, dramatizações, faz de conta e/ou jogos teatrais ainda são realizados de modo esporádico no ensino fundamental, geralmente para a culminância de projetos trabalhados, não sendo colocados no planejamento das atividades educativas desenvolvidas cotidianamente. O teatro que faz parte da nossa cultura ainda não é valorizado e trabalhado, seguindo orientações metodológicas e técnicas adequadas. Talvez pela ausência de formação adequada, educadores e educadoras parecem desconhecer os benefícios que essa linguagem artística traz para o desenvolvimento dos educandos, pois é por meio do teatro que os participantes podem vivenciar momentos lúdicos e, além disso, desenvolver habilidades, tais como: leitura, escrita, oralidade e socialização.

Nesse trabalho, descreveremos as etapas desenvolvidas em sala de aula: a leitura cotidiana de poesias para os alunos; o estímulo para a realização das leituras envolvendo poesias diversas e o texto teatral de Lourdes Ramalho: “D. Ratinho e D. Gatão”; a escolha dos personagens; o ensaio da peça para a apresentação na escola e a utilização do texto trabalhado para superar as dificuldades a partir dos conteúdos trabalhados como: redação, interpretação de textos, pontuação, tempo verbal; os caminhos trilhados (ajustes, fragilidades, descobertas), dentre outros; assim como alguns dos procedimentos metodológicos aplicados e os resultados obtidos, além de facilitar aos alunos descoberta de novos autores e gêneros, sensibilizando-os para a riqueza propiciada a partir das leituras, da descoberta de novos imaginários, sobretudo para a construção do ensino-aprendizagem, da interação em sala de aula entre professores, alunos e pais.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a importância do lúdico para o processo de ensino-aprendizagem no nível fundamental, através da incursão do teatro na sala de aula.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elucidar como o teatro contribui para o desenvolvimento da competência linguística oral por meio da leitura e da escuta de textos teatrais.
- Refletir sobre a função social do teatro no ensino fundamental.

3. JUSTIFICATIVA

Com o ingresso na escola dos alunos considerados marginalizados, o ato de ensinar tornou-se bem mais difícil, pois atitudes necessárias ao processo de ensino-aprendizagem, como atenção, concentração e disciplina são geralmente alheias a estes jovens. Além disso, estes não veem a escola como um lugar agradável, onde o direito de ser criança seja respeitado, e não há estímulos suficientes para que sejam superadas suas dificuldades na aprendizagem. Os conteúdos geralmente são ministrados de forma autoritária, sem o despertar do interesse dos alunos. Por outro lado, o lúdico ainda tem sido tratado na escola como algo proibido, que vai atrapalhar a aprendizagem dos alunos. A sua utilização no ensino fundamental ainda tem causado dúvidas e indagações. Na maioria das vezes, a arte é comumente trabalhada como pretexto para o repouso dos alunos e educadores.

Portanto, enveredar pela arte muda significativamente o olhar do sujeito sobre o mundo, sobre si e os outros. A arte tem esse poder de construir linguagens, espaços de diálogo, de reflexão, enfim, de aproximar culturas e povos, de transformar, de reinventar, abrindo sempre novas possibilidades. Razão pela qual, optamos pela utilização dos textos teatrais ramalhianos, em particular pelo seu caráter lúdico.

O lúdico quando utilizado de forma planejada, contribui para o sucesso escolar do aluno(a). Para isto acontecer, os professores devem repensar a sua prática, para que a fantasia, a imaginação e o encantamento estejam incluídos, pois estes estão presentes no mundo dos alunos e alunas que frequentam a escola pública. Além disso, através do lúdico, os jovens têm a possibilidade de se apropriarem de seus saberes e fazeres, no sentido de se permitirem viver novos desafios. Estes têm a possibilidade de investigar a realidade, confrontá-la com outros desafios e, assim, conseguirem constituir-se socialmente.

O lúdico, quando trabalhado a partir do respeito às diferenças, poderá ajudar a escola a superar a dificuldade que sempre terá em lidar com a pluralidade e as características dos alunos, pois o direito à aprendizagem é de todos.

Utilizando o “faz de conta”, através do lúdico, no teatro, os alunos buscam imitar, imaginar e representar. Imitando e recriando personagens observados ou imaginados, nas suas vivências, eles constroem o significado na vida real, evoluindo o seu pensamento.

Nas instituições de ensino fundamental, ainda se priorizam as atividades que não estimulam o movimento corporal, como se para aprender, fosse necessário apenas usar a cabeça e não o corpo como holisticamente. Os educandos são estimulados a ficarem sentados, para realizarem atividades, muitas vezes, entediadas e sem significado.

A criatividade, o dinamismo e o lúdico inerentes ao teatro, vêm contribuir para a construção do ser competente, superando atividades mecânicas e proporcionando o “fazer junto”, pois o educador participa, efetivamente, com um olhar atento e direcionado à escuta e a observação, aprendendo com eles, na vivência de experiências e construção de personagens, tornando essa experiência essencial para o desenvolvimento integral da criança.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o eixo fundador de nosso trabalho em sala de aula foi compreender a importância do lúdico, na escola, e aplicar atividades concretas, juntas aos educandos, para que nesta, a imaginação e a fantasia estejam presentes contribuindo para a construção de conhecimentos. Nossas metas, nesse trabalho, foram: resgatar a autoconfiança, a autoestima, a criatividade e a criticidade através do lúdico, no teatro.

METODOLOGIA

A pesquisa do presente projeto foi desenvolvida, durante o ano letivo, na escola Municipal de Campina Grande, onde estou atuando como professora, na turma do 4º ano do ensino fundamental. Esta experiência foi de suma importância, pois está relacionada a minha prática cotidiana como educadora, pois os alunos e alunas da escola representam a estatística dos educandos que apresentavam dificuldades em leitura e escrita, necessitando de atividades que proporcionassem o seu desenvolvimento cognitivo.

A opção pela pesquisa qualitativa, neste projeto, está relacionada ao tema trabalhado, como citado, anteriormente, pois segue a linha do interacionismo simbólico e da fenomenologia (interessa-se pelas rotinas diárias e pela produção da realidade social).

O desenvolvimento da nossa pesquisa estabeleceu como critério compreender a importância da leitura e da escrita de textos teatrais em verso e prosa para o desenvolvimento da competência linguística oral e escrita dos educandos e educandas do ensino fundamental.

A necessidade de compreender a função do teatro, no ensino fundamental, determinou a opção por meio da pesquisa-ação, conforme Thiollent (1994), por ter como finalidade a resolução de problemas ou de objetivos de transformação (idem, p.7).

Quanto aos instrumentos, utilizamos a literatura de cordel, diversas poesias e o texto teatral Dom Ratinho e Dom Gatão, de Lourdes Ramalho. O objetivo destes foi despertar o prazer pelas poesias, o entretenimento e o reconhecimento da realidade sócio-política do Brasil.

A pesquisa foi realizada em cinco etapas: Na primeira, realizamos a leitura de poesias para os alunos e posteriormente, eles realizaram a leitura das mesmas para os outros colegas. Na segunda etapa, tivemos a leitura do texto teatral, acima citado, sendo esta realizada através de cartazes fixados nas paredes da sala, Na terceira, escolhemos os personagens e ensaiamos a fala dos mesmos, incluindo as expressões corporais. Na quarta etapa, realizamos uma oficina para construirmos as fantasias para apresentação da peça. Na quinta etapa, apresentamos a peça teatral para os alunos e funcionários da escola (manhã e tarde) e, igualmente, procedemos com a turma da creche vizinha. Os principais autores que embasaram a pesquisa

foram Cordeiro (2007) e Lourdes Ramalho (1998). Esta foi escolhida pela importância de suas obras, sua relevância, enquanto patrimônio cultural e imaterial e, sobretudo, pela própria experiência da autora como educadora, o que me influenciou de modo relevante.

A teoria de base utilizada na pesquisa “O ensino e concepções de mente” (CORDEIRO 2007, p.28-29), contribuiu para compreender que os alunos provindos das camadas populares também têm talentos, habilidades, a capacidade de aprender e superar as dificuldades encontradas, no processo ensino-aprendizagem, principalmente relacionadas à aquisição da leitura, escrita e socialização; já a concepção de Martins (1988, p. 130), sobre o possibilitar para o educando encontros felizes com a arte, vivendo com ele esta experiência e buscando superar as dificuldades encontradas, norteou a nossa pesquisa-ação, pois, enquanto pesquisadora e professora da turma citada, procuramos, dentro das possibilidades, envolver os alunos e nos deixamos envolver nesta magia da arte; a teoria de Paulo Freire(1994, p. 8), que defende a importância do desenvolvimento da autonomia e da identidade do indivíduo como um ser histórico, que é capaz de transformar o seu contexto e comprometer-se, enquanto um ser histórico, que vive um tempo que é o seu, possibilitou-nos dar “vez e voz” às alunas e aos alunos e ajudá-los a superar o conceito negativo que eles/elas têm em relação a si mesmos.

Os dados advindos de minhas anotações apresentaram um bom grau de precisão, pois estou em contato direto com os alunos e alunas, enquanto testemunha ocular, auricular e participando *in loco* de todas as experiências. As informações, de que precisei para uma documentação sistemática, advieram das observações diárias, na sala de aula.

A influência da documentação sobre a minha pesquisa e sobre os sujeitos do campo contribuíram para nortear a prática pedagógica no que se refere ao desenvolvimento da leitura, da escrita e da vivência de momentos lúdicos, junto aos educandos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Breve Histórico do Ensino de Artes no Brasil, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN

A visão humanista e filosófica, no ensino de Artes demarcou as tendências tradicionalistas e escolanovista¹. Estas tendências vigoraram desde o início do século XX e ainda hoje estão presentes nas escolhas pedagógicas e estéticas de professores de arte. O ensino de Arte era voltado para o domínio técnico, centrado na figura do professor, cuja preocupação era apenas a reprodução de modelos. As atividades de teatro e dança se resumiam às festividades escolares, nas chamadas datas comemorativas: Natal, Páscoa, Independência, ou no final de período escolar. O teatro, enquanto atividade artística, tinha como única finalidade a apresentação, sendo os professores rigorosos, na marcação de movimentos cênicos e na decoração dos textos.

A partir dos anos 1920, iniciam-se as tentativas de se trabalhar a arte fora da escola, vivenciando-se concomitantemente, o crescimento de movimentos culturais, destacando-se a “Semana de Arte Moderna de São Paulo”, ocorrida em 1992, envolvendo artistas de diversas modalidades, tais como artes plásticas, dança, música, poesia etc. Em finais dos anos de 1960 e na década de 1970, as escolas promoveram festivais de música e teatro com grande mobilidade dos estudantes, consagrada com a época dos festivais da canção e das novas experiências teatrais. Em 1971, a arte é incluída no currículo, mas é considerada atividade educativa e não disciplina (BRASIL. p. 23-24).

A introdução do componente curricular Educação Artística, no currículo escolar, foi um avanço. No entanto, muitos professores não estavam habilitados para o domínio das várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas, tais como: Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas. Ademais, a formação dos professores era vista de maneira indefinida, uma vez que estes eram capacitados inicialmente em cursos de curta duração. As faculdades de Educação Artística ofereciam cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais. Os professores, por sua vez, eram desvalorizados. Procuravam elencar objetivos inatingíveis, com atividades múltiplas, justificadas e divididas apenas pela faixa etária.

Entre os anos de 1970 e 1980, os professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Indústrias e Artes Cênicas eram responsabilizados por educar os alunos em escola de ensino médio, em todas as linguagens artísticas. Conseqüentemente, inúmeros professores deixaram as suas áreas específicas de formação e estudos, tentando assimilar, superficialmente, as demais, desenvolvendo a crença de que as dominariam na sua totalidade. Com isso, houve uma redução na qualidade dos saberes relacionados a cada uma das formas de arte. Nos anos de 1970, o ensino-aprendizagem em Artes foi fortemente sustentado pela tendência escolanovista¹, com ênfase na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. Os professores passaram a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente, de sua formação e habilitação, impedindo-os de conhecer cada uma das modalidades e as articulações entre elas. A partir dos anos 1980, iniciou-se o Movimento Arte-Educação permitindo que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor. As ideias e princípios que fundamentam a Arte-Educação, multiplicam-se no país, com a finalidade de rever e propor novos andamentos à ação educativa em artes. Em 1988, com a promulgação da Constituição, tem-se início debates acerca da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Em uma das versões da referida Lei, haveria a retirada da obrigatoriedade da área. (BRASIL, 1998, p.24-25).

Com a Lei nº. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a disciplina de Educação Artística passa a ser considerada como disciplina obrigatória, na educação básica”, segundo o artigo 26, parágrafo 2º, que diz: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A obrigatoriedade da inserção da arte, na instituição escolar, significou avanços conquistados após inúmeros debates, conscientização, mobilização e organização por parte dos profissionais da Arte-Educação. O final da década de 1990 caracterizou-se pelas reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística), com conteúdos próprios legados à cultura artística e não apenas atividades. (BRASIL, p. 25).

1. Os defensores do ideário da Escola Nova lutavam por diferenciar-se das práticas pedagógicas anteriores, consideradas tradicionais, no fim do século XIX.

A construção do saber através do lúdico no teatro

No Brasil, o índice de reprovação, no Ensino Fundamental, ainda é algo preocupante, que tem contribuído para diminuir a autoconfiança dos alunos. Estes começam a acreditar que realmente não possuem a capacidade de aprender aumentando as estatísticas de analfabetismo, em nosso país.

A metodologia dos educadores também tem contribuído para a reprovação, pois geralmente as aulas são cansativas e desestimulantes.

Por outro lado, há poucas escolas e os recursos materiais revelam-se insuficientes para os educadores trabalharem em sala de aula; por exemplo, raros são os educadores que dispõem de tempo para planejarem as aulas a serem aplicadas, no horário de trabalho. Outro problema particular é a ausência de aulas de reforço para os alunos com dificuldades de aprendizagem, outro fator igualmente determinante, na reprovação escolar.

A este respeito, podemos constatar que uma das causas da reprovação dos alunos nas primeiras séries iniciais é a dicotomia que existe entre o ensino e a aprendizagem, devido à formação insuficiente dos educadores no que se refere ao conhecimento sobre o processo de letramento. A ausência de uma reflexão por parte dos professores sobre o equilíbrio entre o ensinar e o aprender e refazer o que não deu certo, tem contribuído para esta realidade.

Os educadores têm prestado pouca atenção entre o ensinar e o aprender e menos ainda no processo de refazer o que não deu certo. Em ambos os casos, os professores precisam ser muito competentes. Não basta aplicar métodos e técnicas, não basta apenas mediar um processo de oportunidades de aprender. Em primeiro lugar, é preciso conhecer bem o que diz respeito ao processo de letramento (GAGLIARI, 1999, p. 223).

Segundo Soares, (1998, p.58), o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se, fundamentalmente, com as suas condições sociais, culturais e econômicas. A autora enfatiza que é preciso, pois, “condições para o letramento, quais sejam: “escolarização real e efetiva da população” e a disponibilidade de material de leitura.”

São inúmeras as campanhas de alfabetização que ocorrem em nosso país, muitas vezes, sem sucesso, pois ainda percebemos a preocupação em ensinar o aluno a decifrar códigos, quando se deveria criar ambientes em que o educando pudesse ter contato com os diversos materiais impressos (livros infanto-juvenis, gibis, jornais, revistas, folders etc.).

[...] O fracasso das campanhas de alfabetização em nosso país: contentam-se em ensinar a ler e escrever; deveriam, em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar emersos em um ambiente de letramento para que pudessem entrar no mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso à leitura e à escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e bibliotecas, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função para elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer. (Soares, 1998, p.58).

O teatro realizado com os educandos contribui para o processo de desenvolvimento abrangendo aspectos neurológicos, da percepção e sensações contribuindo para o raciocínio lógico. Através do jogo teatral, o educando fala, pensa, se expressa e se desenvolve através de uma participação ativa, que contribui para sua maturação, elaborando sentidos para o mundo e suas relações. Essa atividade, na creche e pré-escola, vem contribuir, nesse sentido, pois evidencia o aspecto criativo e dinâmico, necessários para a construção do ser competente, superando as atividades mecânicas sem sentido. “defendemos uma perspectiva educacional que respeite a diversidade cultural e promova o enriquecimento permanente do universo de conhecimento” (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p.17).

Utilizando o “faz de conta”, os educandos buscam imitar, imaginar, representar. Imitando e recriando personagens observados ou imaginados nas suas vivências, compreendem o significado na vida real, constroem a sua identidade, evoluindo o seu pensamento e, conseqüentemente, aprimorando a linguagem oral e desenvolvendo a sua autonomia, na leitura e na escrita.

Os educandos, ao realizarem a leitura dos textos teatrais, desenvolvem capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas) “todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas)” (ROJO, 2009, p. 75).

Ainda segundo Rojo (2009), através da leitura, o educando desenvolve capacidades de compreensão (estratégias), como: Ativação de conhecimentos de mundo e Antecipação ou predição de conteúdos ou de propriedades dos textos. Na primeira, “previamente à leitura ou durante o ato de ler, o leitor está colocando, constantemente em relação seu conhecimento amplo com aquele exigido e utilizado pelo autor do texto” (ROJO, p.77). Na segunda estratégia, o leitor não aborda o texto como folhas em branco, nem fica preso a cada palavra, e ainda, antecipa o que poderá acontecer durante a leitura:

A partir da situação de leitura, de suas finalidades, da esfera de comunicação em que ela se dá; do suporte do texto (livro, jornal, revista, outdoor etc.); de sua disposição na página; de seu título, de fotos, legendas e ilustrações, o leitor levanta hipóteses tanto sobre o conteúdo como sobre a forma do texto ou do trecho seguinte de texto que estará lendo. (ROJO, 2009:77)

Oliveira (1995), citando Piaget, Vygotsky e Wallon, afirma que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. Ensinar algo para o educando que não tem significado para ele, de maneira autoritária, pode contribuir para que este desenvolva uma certa aversão pela leitura e escrita.

Já Cordeiro, (2007, p.27) citando Bruner argumenta que:

A tese que emerge é que as práticas educacionais nas salas de aula baseiam-se em conjunto de crenças populares sobre as mentes dos alunos, sendo que algumas delas têm funcionado advertidamente a favor do bem estar da criança, e outras inadvertidamente contra (2007, p.27).

Segundo Cagliari(1999), o mais importante é aprender a ler, e que, o escrever é apenas uma decorrência do fato de uma pessoa ler (p. 134).

É indiscutível que, lendo textos de forma lúdica, sistemática, com a mediação da professora, o educando terá mais facilidade em aprender a ler e, conseqüentemente, escrever mais. Mas é preciso que estas duas habilidades sejam trabalhadas, concomitantemente.

Ser falante de Língua Portuguesa, segundo Cagliari(1999), é um primeiro aspecto que precisa ser abordado para que o educando aprenda a ler: “[...] O texto, que se quer ler está escrito em determinada língua, caso contrário, o leitor encontrar-se-á diante de algo que não compreende”. (Idem, p. 135).

Utilizando o texto teatral, nas séries iniciais, por um determinado período de tempo, ou mesmo todo o ano letivo, o educando poderá não apenas desenvolver a leitura, mas a linguagem oral, de forma significativa, compreendendo também que a fala aparece na escrita segmentada em palavras.

Cordeiro (2007) citando Bruner, lembrando o primeiro modelo dominante a respeito da mente dos aprendizes, destaca a aprendizagem por “Imitação”; Saber, nessa concepção, é saber fazer, o que depende de “talentos, capacidades e habilidades”, e não da aquisição de informações ou da compreensão” (Idem, p. 27).

O segundo modelo dominante, defendido pelos autores, acima, citados é a aprendizagem pela Absorção de Ideias: “[...] dominar um conjunto de proposições a respeito de um determinado assunto, tema, problema ou questão. [...] E, nesse caso, ensinar, contar, descrever ou narrar algo a alguém” (idem, p. 28).

Atualmente, temos a compreensão de que a mente do educando, não é uma “tábula rasa”, uma “página em branco” ou um “recipiente vazio”. Na perspectiva citada pelos autores, poderíamos compreendê-la como uma nova visão, em que o educando é co-sujeito da aprendizagem: contando, descrevendo ou narrando algo a alguém, através de uma peça teatral.

No terceiro modelo, “as crianças são seres pensantes”, o autor argumenta que “o conhecimento se desenvolve a partir do intercâmbio entre os diversos sujeitos pensantes” (CORDEIRO, 2007, p 28).

Trabalhando o lúdico, através do teatro, os educandos poderão ter a oportunidade de interagir, dialogar, favorecendo o clima de amizade, cooperação e respeito, pois a escola, nos dias atuais, precisa rever o seu papel, na construção de cidadãos e cidadãs atuantes e, principalmente humanizados, como relata Paulo Freire: “Impedidos de atuar e refletir, os homens encontram-se profundamente feridos em si mesmos, como seres de compromisso” (FREIRE, 1994, p. 18).

No quarto modelo, “as crianças são Detentoras de Conhecimento” – nesse sentido, Cordeiro faz o seguinte questionamento: “Por que imaginar que devemos ensinar conhecimentos do tipo proporcional, como durante muito tempo – e ainda

hoje – teimaram as escolas?” (CORDEIRO, 2007, p. 29). Como se o fato de apenas transmitir estes conteúdos fosse insubstituível, na aprendizagem e contribuísse, de forma definitiva, para o sucesso escolar dos alunos. Na prática, nas escolas, vemos que isto não corresponde à realidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais em Artes (BRASIL,1997, p.25) as atividades artísticas, nas escolas brasileiras, reduzem-se apenas às comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar.

Com o teatro, na sala de aula, os alunos interagem uns com os outros, comunicando-se e aprendendo a conviver com os diversos pontos de vista, construindo o pensamento racional de forma significativa. O lúdico, no teatro, contribui para o desenvolvimento afetivo, intelectual e social. Através do lúdico o(a) educando(a) “forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento” (NEGRINE, 1999, p. 41). Além disso, o educando será capaz de experimentar sensações, descobrir aspectos de sua personalidade, inventar situações diversas, aprender a conviver e desenvolver habilidades motoras, além de estimular a criatividade e a curiosidade sobre o conhecimento e situações que a cercam. O lúdico, através do teatro, traz divertimento, gerando prazer, tornando a escola um lugar prazeroso e fornecendo elementos para a construção da identidade do(a) educando(a). Construindo a sua identidade, ele/ela aprende conhecimentos sobre a sua realidade, o seu contexto, contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia e, a partir desta autonomia, reconhece-se como um ser histórico, como relata Paulo Freire (1994, p. 08):

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, sabe-se transformado pela sua própria criação, um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.

É através do teatro, na escola, que o educando poderá sair do seu contexto, admirá-lo e transformá-lo, pois o lúdico, no teatro, favorece a autoestima, auxiliando-o a desenvolver habilidades de forma criativa, pois ele é visto como uma brincadeira e, dessa forma, o teatro tem o poder de torná-lo mais confiante, autônomo e

participativo, além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem, leitura e escrita.

Segundo Yudovich, durante muito tempo, não se deu importância ao papel que a linguagem representa na formação dos processos mentais do educando e, na escola, atualmente, percebemos que, ainda os professores, gestores e técnicos, subestimam a capacidade dos educandos em desenvolver habilidades destinadas à leitura, à escrita, à linguagem, à atenção, à memória, à imaginação, ao pensamento e à ação.

A intercomunicação com os adultos tem esse significado decisivo, porque a aquisição de um sistema linguístico supõe a reorganização de todos os processos mentais da criança. A palavra passa a ser assim um fator excepcional que dá forma à atividade mental, aperfeiçoando o reflexo da realidade e criando novas formas de atenção, de memória, de imaginação, de pensamento e de ação (YUDOVICK, 1987, p. 12).

Utilizando o “faz de conta” através do teatro, os educandos buscam imitar, imaginar e representar. Imitando e recriando personagens observados ou imaginados, nas suas vivências, elas compreendem o significado, na vida real, evoluindo o seu pensamento e, conseqüentemente, aprimorando a leitura, a escrita e a linguagem oral. O lúdico, no teatro, contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos diversos e o educando adquire recursos psicossociais que nortearão a sua personalidade.

Segundo Craidy & Kaercher (2001), é através da imaginação que o educando passa a desenvolver diferentes formas de expressão como a oralidade, a expressão plástica, a música e a expressão dramática, estabelecendo relações com o mundo.

O teatro infantil aborda um aspecto muito importante para os educandos do ensino fundamental: o “faz de conta”, de representação de papéis, vivência de condutas e situações, que deixa mais evidente a presença da situação imaginária, como destaca Craidy & Kaercher (2001, p. 90),

a imitação é a base da expressão dramática. Ela está presente tanto nos jogos de faz de conta das crianças de três anos quanto num espetáculo de teatro com atores profissionais e atesta a tendência do ser humano de agir “como se”, ou seja, a necessidade de vivenciar, de forma fictícia, papéis, condutas e situações.

A vivência da dramatização, no ensino fundamental, deve acontecer de forma natural e espontânea. As professoras devem encorajar a experimentação livre dos educandos sem julgamentos e críticas: “[...] como não há por parte (da criança), uma preocupação na busca de adequação da imitação ao modelo imitado, não há razão para que o adulto direcione o jogo para este fim” (Idem, 2001, p. 94).

O conteúdo das representações simbólicas recebe grande influência do currículo e dos professores. É preciso, portanto, por parte destas, sensibilidade para que esta influência seja positiva. A escolha dos temas, no teatro infantil, em cordel e as oportunidades para interação são fatores que dependem do currículo proposto pelas escolas. O tempo disponível também é de grande importância, pois há o risco de enfatizar apenas conteúdos e esquecer o lúdico.

O educando aprende a criar símbolos, quando utiliza, através do lúdico, o “faz de conta”. É através do uso de símbolos que ele considera uma coisa como sendo outra, ou seja, no momento que ela tenta representar personagens da literatura infantil, usa a imaginação para, através do teatro, criar artes e explorar habilidades. É importante destacar que trabalhar teatro em cordel no ensino fundamental é algo que requer determinação do(a) professor(a).

Trabalhando o lúdico no teatro, os educandos poderão ter a oportunidade de interagir uns com os outros, favorecendo o clima de cooperação, pois, nos dias atuais, a escola precisa rever seu papel, na construção de cidadãos e cidadãs atuantes e, principalmente, humanizados e comprometidos com a transformação de sua realidade. A esse respeito, Freire (1994, p. 8) afirma que:

Contudo, o fundamental é que esta realidade, proibitiva ou não do pensar e do atuar autênticos, é criação dos homens. Daí ela não pode, por ser histórica tal como os homens que a criam, transformar-se por si só. Os homens que a criam são os mesmos que podem prosseguir transformando-a.

O teatro no ensino fundamental evidencia o aspecto criativo e dinâmico, necessários à construção do ser competente, superando as atividades mecânicas sem sentido, proporcionando o “fazer junto”, pois o educador participa efetivamente na montagem da dramatização com as crianças, com um olhar atento para a escuta e observação, aprendendo com elas, na compreensão de conceitos, processos, valores, na vivência de experiências e superação de conflitos.

Martins (1988, p.54) citando Deleuze, destaca que:

1

Nada aprendemos com aqueles que nos dizem façam como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “façam comigo”. É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos os aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre, pois vive o acontecimento, a experiência.

A paciência, o compartilhar de saberes e a confiança na capacidade da criança, são fatores essenciais ao trabalho com o teatro, pois o educador se vê no papel de pesquisador que “Aprende a ensinar ensinando, pensando sobre esse ensinar. E assim ensinando, também aprende” (MARTINS, 2009, p. 129).

O teatro, no ensino fundamental, é um momento mágico, único, que requer da educadora preparação e superação na busca da criatividade, da técnica da estética, da abertura para o processo da vida e habilidade para articular o presente e o passado, como destaca Martins (apud Louis,1992) (bailarino, coreógrafo e professor), explicitando como a educadora se encontra no mundo da arte: “Com uma rédea no criativo, uma rédea no técnico, uma rédea no estético, uma rédea no processo de vida, uma rédea no futuro e uma no passado, todas elas puxados ao mesmo tempo” (MARTINS apud LOUIS,1992, p.102).

Para Martins (200), as amarras que são impostas para o educador, no trabalho com o teatro, no ensino fundamental, precisam ser superadas na busca do que é possível, possibilitando para o aprendiz a vivência de encontros felizes com a arte, mesmo que ele tenha dificuldades em explorar e comunicar ideias de pensamentos/sentimentos. Esse aprendiz terá de ser envolvido na rede de linguagem da arte por outros caminhos. O espaço deve ser aberto para que possa desvelar o que pensa, sente e sabe, ampliando sua compreensão de mundo mais rica e significativa “na possível experimentação lúdica e cognitiva, sensível e afetiva do poetizar, do fruir e do conhecer arte” (Idem, p.130).

REFLETINDO A PRÁTICA

Estratégias usadas para desenvolver a construção do conhecimento

Uma das dificuldades vivenciadas pelos educandos da Escola José Virgínio de Lima era a leitura e a produção de textos. Para superá-las, iniciamos, diariamente, a leitura de histórias e poemas de diversos autores, até chegarmos à leitura do texto teatral de Lourdes Ramalho: Dom Ratinho e Dom gato, mas antes disto, no mês de dezembro do ano anterior, quando estávamos com a turma do 3º ano do ensino fundamental 1, ao sermos congratulados pela autora acima citada, com o seu manuscrito de poesias: “A arte de dizer”, escolhemos o poema “Festejos natalinos”, o qual retratava o nascimento de Jesus, dando vida a diversos personagens do cenário natalino, mas não necessariamente do presépio, como é o caso do sino. A gente tinha apenas duas semanas para ensaiar. Alguns alunos se dispuseram a participar e outros não... faltou personagens, mas continuamos ensaiando. Na turma, havia vários alunos que ainda tinham dificuldades, na leitura e isto foi um empecilho no sucesso desta empreitada. Construimos algumas máscaras, mas em decorrência do pouco tempo e da dificuldade dos alunos, na leitura das estrofes, não chegamos a apresentar.

No ano seguinte, antes de trabalharmos os conteúdos previstos no planejamento relacionados às disciplinas do ensino fundamental (Português, Matemática, História e Geografia), propusemos aos(às) educandos e educandas à leitura do texto teatral pelos respectivos alunos-personagens, depois fomos introduzindo as expressões faciais e, em seguida, passamos a dar ênfase às falas. Além do texto em papel impresso, colocamos também o mesmo em cartolinas, afixando-o, nas paredes da sala.

No primeiro momento, como dito anteriormente, utilizamos as poesias da dramaturga Lourdes Ramalho, com o tema voltado ao dia das mães. Na leitura desse poema, os alunos não apresentaram muita dificuldade, apenas liam em tom baixo. Depois que já conheciam o texto, ensaiaram os gestos. No decorrer desse processo, uma aluna desistiu da apresentação e tivemos que substituí-la. Eles copiaram as suas falas e decoraram. Uma aluna não decorou a fala, mas a ajudamos a ler e a decorar. A apresentação do poema foi filmada para ser

apresentada às mães, permitindo que a culminância transcorresse dentro das expectativas, levando algumas mães a se emocionarem. Quanto à filmagem deste poema, realizado em sala de aula, um aluno ficou tentando atrapalhá-la. Embora lesse fluentemente, não quis participar da apresentação e tivemos que deixá-lo no espaço da secretaria.

A segunda poesia trabalhada foi: “Deus e a Natureza”, da mesma autoria. Esta poesia era bem maior que a trabalhada, anteriormente, apresentando 14 estrofes. Realizamos a leitura para a turma e deixamos que eles tivessem a iniciativa de participar. Alguns se apresentaram de maneira espontânea, outros tivemos que convencê-los. Copiei o poema no quadro e começamos a ensaiar as quatro primeiras estrofes. Para cada estrofe, um educando. Nesta poesia, tivemos mais dificuldades na participação. Do contingente de participantes, que participou da atividade, apenas um era do gênero masculino. Trabalhamos 10, das 14 estrofes. A apresentação, desta vez, deu-se no pátio da Escola, aberto para toda a comunidade escolar. Fizemos o desenho do cenário (sol, flores, árvores, gramas, lua, estrelas) e os(as) alunos(as) ajudaram a recortar e preparar o ambiente cenográfico para a apresentação. Nesta apresentação, recitaram o poema, com gestos, sem maiores dificuldades. Concomitantemente, enquanto trabalhávamos o poema, “Deus e a natureza”, escolhemos o texto teatral “Maria roupa de palha”(1998) da mesma autora. Em seguida, passamos a ensaiar às sextas-feiras, mas percebemos a dificuldade deles com a estrutura deste tipo de texto, pois não sabiam, quando começava e terminava a fala dos personagens. Para superar esta dificuldade, escrevi, no quadro, um pequeno diálogo entre um pai e um filho, com os retângulos para eles escreverem os nomes dos personagens. Neste caso, eram apenas dois. Superada esta dificuldade, desistimos de trabalhar “Maria roupa de palha, pois os textos e a história eram bastantes extensos.

Depois de trabalhada a poesia: “Deus e a natureza”, escolhemos a peça: D. Ratinho e D. Gatão. Iniciamos a leitura individualmente com todos os alunos e alunas, depois escrevemos as falas dos personagens em cartolinas e as fixamos na parede da sala de aula e, a cada dia, pedíamos para um grupo lê-la. Desta maneira, todos os agentes sociais envolvidos foram se familiarizando com a história. A cada semana, íamos acrescentando parte do texto nas cartolinas e pedindo a toda a turma para que fizesse a leitura. Posteriormente, dividimos os alunos(as) da sala de aula em três grupos, proporcionando uma estrela ao grupo cujo membro fizesse

uma leitura que atendesse, pedagogicamente, satisfatória. Quem já tinha ganhado a estrela não poderia ler mais naquele momento, dando a oportunidade aos outros. A escolha dos personagens principais (gato e rato) foi sendo realizada a partir da leitura do texto, nos cartazes. Quem lia melhor, era escolhido(a). Na escolha do personagem Dom ratinho, pensamos escolher entre dois meninos, mas um se recusou e o outro disse que a letra do texto era pequena e iria ter dificuldades em lê-lo. Optamos por escolher uma das meninas que tinha se destacado na leitura para fazer o devido papel e outra para ser Dom gato. Ambas se prontificaram sem nenhuma escusa para fazer os personagens.– Providenciamos então cópias dos textos a fim de que levassem os textos para treinarem em casa. No decorrer da leitura do referido texto, fomos escolhendo os outros personagens. Tivemos dificuldades na aceitação da personagem da vaca. Os três alunos que tinham se prontificado, desistiram quando participaram do primeiro ensaio. Até que uma das meninas se prontificou a fazer a personagem e foi até o fim, mesmo sendo limitada quanto à leitura.

Além da sala de aula, pensamos em ensaiar utilizando outros ambientes da escola: Jardim, pátio e secretaria. Mas não demorávamos muito. Ensaivamos de 10 a 15 minutos, pois a turma era bastante agitada. Depois passamos para a fase de construção das fantasias. Utilizamos material simples para confecção das mesmas: jornal, tecido de TNT, tinta guache, cartolinas. A supervisora que tinha bastante prática em construir fantasias, nos ajudou bastante. Os alunos e alunas mostraram-se bastante empolgados na construção destas.

É importante destacar que todos os alunos da turma não ofereceram resistência à leitura, mesmo os que estavam com maior dificuldade. Um dos alunos mais tímidos da turma me surpreendeu, numa das leituras do texto, lendo fluentemente. Após fixarmos os cartazes, na parede com a fala dos personagens, colocamos as gravuras que tínhamos utilizado na ornamentação da apresentação do poema: “Deus e a natureza”, para que este espaço ficasse mais lúdico e, portanto, atrativo.

Superada a fase de escolha dos personagens, começamos a repassar o texto do gato e do rato depois do recreio. Em outros momentos, ensaiávamos 20 minutos antes do final da aula. Fazíamos isto dentro da sala de aula, colocando no quadro o sinal de silêncio (um círculo pintado de verde).

Já estávamos no mês de outubro, quando cheguei à conclusão de que não iríamos conseguir decorar e apresentar a peça toda. Pensamos apenas em apresentar uma parte, mas fomos informados de que não precisávamos decorar as falas e, portanto, nos tranquilizamos mais para levar adiante o projeto.

Algumas dificuldades observadas, nas atividades cotidianas que continuávamos realizando, foram referentes à interpretação de textos pelos alunos e o uso correto da pontuação. Para superá-las, começamos a utilizar partes do texto teatral que estávamos trabalhando, criando atividades nesse sentido. Na interpretação deste texto não apresentaram dificuldades. Além destas atividades, também trabalhamos várias produções textuais: algumas eram baseadas no texto “Dom ratinho e Dom gatão”. Outras, a partir de gravuras retiradas de revistas. Após realizada as produções, pedimos que os mesmos lessem a sua história para a turma. Alguns se propuseram a ler, mas outros se recusaram. Durante o percurso de trabalho com o texto teatral, íamos realizando pequenas dramatizações, envolvendo outras histórias. Um dia, trouxemos um par de sapatos femininos que tínhamos ganhado para dar de presente à turma. Solicitamos que um dos meninos os colocassem nos pés das meninas, e no pé em que coubesse o sapato, ficaria com ele: A dramatização ficou muito bonita. Quando o texto já estava familiar para a turma, começamos a ensaiar com o material impresso no final da aula. No primeiro dia, ocorreu tudo bem no ensaio, mas no segundo dia, as alunas reclamaram porque queriam sair cedo, então resolvemos ensaiar depois do recreio. Para isto, pedíamos que o resto da turma fizesse silêncio, para que as alunas repassassem o texto. Em outros momentos, ensaiávamos no pátio, no jardim da Escola e na Secretaria.

Realizamos a apresentação da peça em três momentos: Na escola (nos turnos manhã e tarde) e na creche, que é vizinha, onde trabalhamos durante à tarde. Na primeira apresentação, a aluna que fazia o papel do gato conseguiu decorar toda a fala. A que fazia a personagem do rato leu sem nenhuma dificuldade. A que fazia o personagem da cacimba, deu sugestões de como ela deveria se posicionar na hora da apresentação. A personagem da bruxa, que era a aluna mais tímida da sala, teve uma atuação de uma verdadeira atriz e as que fizeram os personagens de vaca e do ferreiro, que tinham apresentado insegurança em outras apresentações na Escola saíram-se muito bem. Todos os outros alunos, que, em outras apresentações

ficavam bastante inquietos, prestaram bastante atenção, levando a gestora e demais funcionários a elogiarem bastante a postura deles durante a apresentação.

Na creche Beatriz Hamad, a apresentação não foi muito proveitosa devido à extensão do texto. A personagem da bruxa e do ferreiro não foram e eu tive que fazer a primeira personagem. Um dos alunos que não fazia parte do elenco pediu para fazer o personagem do Ferreiro. Como não tinha microfone e as meninas liam baixo, as crianças do maternal ficaram inquietas e eu tive que fazer a mediação para tornar a apresentação mais dinâmica.

Na apresentação no turno da tarde, da escola José Virgínio, houve também a ausência das alunas que faziam o papel do Ratinho e do ferreiro, fazendo com que a aluna que fazia o personagem da cacimba, acumulasse a um só tempo dois papéis: o dela e o do ferreiro. No final da apresentação a mesma foi bastante elogiada pela atuação. Para não cancelar o evento, pois o ratinho era um dos personagens principais, assumir o papel do mesmo. A atuação (que não esperava fazer), foi uma experiência muito boa. Procurei enriquecê-la com bastantes gestos, expressões corporais e faciais. Também fui elogiada pela atuação.

Durante o trabalho com a peça “Dom Ratinho e Dom Gatão”, trabalhamos leitura diária das poesias de Lourdes Ramalho do manuscrito do livro “Iniciação à Arte de Dizer” gentilmente cedido pela autora para a minha pesquisa; e, também, uma seleção de poemas de outros autores.

Resgatando a autoconfiança, a autoestima, a criatividade e a criticidade através do lúdico no teatro.

Ao ingressar na escola José Virgínio de Lima, no ano de 2010, me deparei com uma realidade bastante difícil: alunos do 5º ano apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. Além disso, apresentavam uma autoestima baixa. Um das coisas que percebi, era a ausência de material impresso que os alunos pudessem lê-lo e manuseá-lo. Por outro lado, as professoras não tinham a prática de ler histórias para os educandos diariamente, o que contribuía para a dificuldade na leitura e na escrita.

Quando era sugerida escrita, o maior empecilho era o pouco exercício com a mesma e, conseqüentemente, logo apareciam as dificuldades, levando esses educandos a perguntarem a escrita correta dessa ou daquela palavra. A turma não se interessava pelo conteúdo das disciplinas e, nas atividades, esperavam sempre que a professora dissesse a resposta das questões, sem se preocupar em pensar na resolução das mesmas.

Nas apresentações que havia na Escola a respeito das datas comemorativas e da culminância dos projetos trabalhados, geralmente, os professores eram quem apresentavam os temas estudados. Os alunos e alunas não participavam destes momentos. Os educadores relatavam que eles/elas não conseguiam assimilar o texto em virtude da pouca concentração, nem tão pouco queriam participar.

Com o projeto de teatro, percebemos um avanço significativo na leitura, na escrita, e na participação desses agentes sociais. Com a leitura do texto teatral em verso e em prosa, lido diariamente através de cartazes, fosse seja individualmente ou em grupo, já não havia mais escusa dos educandos em ler. Na produção textual, uma das atividades de casa, baseada no texto teatral estudado, foi uma produção textual que teve como tema: “A gatinha e a menina de olhos verdes”, as meninas que estavam fazendo parte da peça me surpreenderam, quando trouxeram histórias com até 13 páginas, fato que me chamou atenção, pois, durante todo o tempo de sala de aula, ainda não tinha presenciado tal façanha, mesmo em escolas públicas que tinham um ótimo conceito em aprendizagem. Para alunos que não fizeram a redação, procurei estimulá-los para que lessem mais, enfatizando que podiam levar os livros da biblioteca da Escola para que lessem em casa.

A autoestima, a autoconfiança e o senso de companheirismo foram sendo resgatados através do projeto teatro: os educandos e educandas começaram a demonstrar um maior interesse pelos conteúdos das disciplinas, se esforçando mais para encontrarem as respostas das questões, sem esperar a resposta da professora e nos ensaios ajudavam aos (às) colegas para decorarem as falas e os gestos.

A criticidade, algo inerente no texto teatral de Lourdes Ramalho, foi algo que nos proporcionou trabalhar a nossa realidade da região Nordeste, como a seca, que gera fome, miséria, desemprego e faz com que os Nordestinos saiam da sua terra natal, em busca de melhores condições de vida, em outras regiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo, tivemos a oportunidade de compreender a importância e as contribuições que o teatro proporciona para o desenvolvimento da leitura e escrita no âmbito do ensino fundamental.

Foi possível observar, através dos autores trabalhados o quanto eles defendem a utilização do lúdico advindo a partir do teatro, uma vez que este desenvolve a expressão oral, reforça habilidades, o pensamento cognitivo, crítico, a criatividade, forma conceitos e contribui para as interações sociais e para a formação dos seres históricos que são capazes de se comprometer e interferir no contexto social em que estão inseridos.

Compreendemos que é na instituição escolar que o teatro deve ser vivenciado de forma prazerosa, sem a preocupação de repassar conteúdos, pois além da diversão e entretenimento, ele proporciona a aquisição de valores, a vivência de experiências e a superação de conflitos.

É na instituição escolar que o respeito à diversidade e à promoção do enriquecimento permanente do universo de conhecimentos devem ser cultivados. Os (as) professores(as), para cumprir bem o seu papel na formação do educando, devem incluir o texto teatral, como coadjuvante nessa formação, precisam promover encontros felizes com a arte, mediando as dificuldades encontradas em explorar e comunicar ideias de pensamentos/sentimentos, ampliando sua compreensão de mundo.

Acreditamos que o texto de gênero dramático constitui recurso privilegiado no desenvolvimento da compreensão de que o teatro proporciona momentos mágicos, únicos, que requerem dos educadores entusiasmo, preparação e superação das dificuldades, no processo de compartilhar saberes, para fazer nascer o brilho nos olhos dos aprendizes.

Propomos a utilização do teatro na proposta educativa, já que, através dele, a criança aprende com prazer, desenvolve não somente a leitura e a escrita, mas a identidade, a autonomia, a criatividade, a oralidade, a imaginação e a cooperação. Portanto, inserir o teatro na educação básica se faz necessário para a melhoria na qualidade do desenvolvimento integral do educando e da própria instituição escolar como um todo.

Pretendemos, no âmbito de um mestrado, dar continuidade a nossa pesquisa, buscando trabalhar mais profundamente as relações do ensino-aprendizagem no teatro ramalhiano, devido à grande riqueza de textos inéditos da autora e da possibilidade de trabalhar conjuntamente no mapeamento de sua obra.

CRONOGRAMA

| Atividades | 2013 | | 2014 |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1º Semestre | 2º Semestre | 1º Semestre |
| Pesquisa bibliográfica | X | X | X |
| Montagem do projeto | X | | |
| Coleta de dados | X | | |
| Análise dos dados | | X | |
| Elaboração da monografia | | X | X |
| Revisão da monografia | | | X |
| Defesa da monografia | | | X |

REFERÊNCIAS

BOLZAN, Doris P.V. **Interfaces da alfabetização**. Revista do professor. Porto Alegre: Jan./Mar. 1999.

BRASIL. **Indagações sobre Currículo**, Volumes I, II, III. Secretaria de Educação Básica. MEC, 2007. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1998.

CAGLIARI, Glades Massini; CAGLIARI, Luís Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Mercado das letras, 1999.

CAPPARELLI. Sérgio. **111 poemas para criança**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

CARLOS. Seabra. **Tecnologia na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

CAVALCANTE. Antônio de Almeida. **Poemas e Realidades**. João Pessoa: Sal da Terra, 2005.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LUNA. Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 196.

LURIA, Yudovick. **Linguagem e Desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MARTINS, Míriam Celeste (org.). **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, Zilma (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1995.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Flor de Cacto: viagem ao ignoto**. 2. ed. Campina Grande: Eduepb, 2012. (Latus)

_____. **Teatro Infantil: Dom Ratinho e Dom Gatão**. Campina Grande: Ed. TS, 1998.

SASSERON, Lucia Helena; CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. **Alfabetização Científica: Uma revisão bibliográfica**. São Paulo: Universidade São Paulo, área de Educação, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

THIOLLENT, Michel. Jean Marie. **Pesquisa-ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: Ed. UFSCAR, 1994.

ANEXOS

D. RATINHO E D. GATÃO

GATO - Ai, a fome está medonha! - Tenho as carnes a tremer!
 Há três dias e três noites - não encontro o que comer!
 Já rodei por toda parte! - já percorri todo o rato!
 e nada! - Mas, nesta casa mora um danado dum rato...
 Com a fome que estou sentindo - ou eu o pego - ou me lasco!
 Ai! - Que vontade tamanha de fazer dele - um churrasco!
 Já sei, vou bolar um plano para enganá-lo de jeito,
 pra pegar esse fulano - tem que ser plano perfeito!
 - Passo manteiga rançosa na figura deste quadro
 ele sente o cheiro e corre - nem vê que é queijo pintado!
 Pronto! - Agora é arrumá-lo - Bem a vista, deste lado
 eu me escondo - ele aparece - está o rato caçado!

(O GATO SAI, O RATO ENTRA)

RATO - Tive um sonho tão bonito! - Sonhei com um queijo amarelo,
 co cheirava a manteiga - como era gostoso e belo!
 Estou fraco, quem me dera - comer esta gostosura!
 acho que me julgaria - a mais feliz criatura!
 - Mas foi apenas um sonho - neste sotão em que me abrigo
 só existe teia de aranha - e o meu feroz inimigo
 que mora daquele lado - o Gatão Jaracutaco
 - pra me comer vive à espera que eu saia do meu buraco!
 - Mas...que vejo! Estou sonhando? - Vou os olhos esfregar!
 Mas isto é queijo ou é sonho? - Ai, como está a cheirar!
 - Vou me beliscar todinho! - Cocorote vou me dar!
 - Ai, que dor! - não estou sonhando - é queijo mesmo - lá está
 - Vou lanber só um tiquinho - ai, que gosto de manjar!
 Já sei, vou pegar a faca, em pedacinhos cortar,
 E guardá-lo no buraco - comer até me fartar,
 antes que Jaracutaco meu queijo venha tomar!
 É manteigudo, cheiroso - e é meu - como sou feliz!
 vou comer com os olhos, boca - como até com o nariz!

- Com este queijo na barriga - vou crescer até demais!
criar músculos, peitarra! - ser atleta até capaz

De pegar o pobre gato - medroso a não mais poder,
bater-lhe com meu sapato - fazê-lo gritar, gemer...

- Esmurrá-lo bem nas ventas, no chão a cara esfregar!
e ele todo apavorado, todo humilhado a implorar: -

Não me mate D. Ratão! - Sou um pobre desgraçado!
Me deixe viver e eu fico - a lhe servir de criado!

- E eu, fortão, do meu tamanho - olho para o desgraçado,
tão miserável, mesquinho, tão pequeno, tão mirrado

e respondo lá do alto do meu orgulho e poder: -
" Pobre verme, triste gato - tenho pena de você
portanto a liberdade e a paz vou lhe conceder":

- E o gatinho, agradecido - chora até não mais querer,
Eu fico até comovido... ele sai... vai se esconder!

GATO - (DO ESCONDERIJO)

- Ai, como está entretido! - É hora de aparecer!
de dar-lhe um susto bem grande! Depois, com calma... comer!

- vai dar um grito de medo! - Como vai ser engraçado!
Vai ficar tremelicando... depois - cair desmaiado!

(entra) - Bom dia, Rato Fraquinho - esta matando a vontade
de lamber queijo pintado - pensando ser de verdade?

RATO - (assustado)

- Ai! Ui! - Que prazer, Gatão - mas está em cima da hora...
Um bom dia pra você... - com licença... vou embora...

GATO (MAU) - Ir embora? - Coitadinho! Vou-te agarrar, isto sim,
vou te torcer o pescoço, te espremer assim, assim
Fazer de ti o que há pouco - pensavas fazer de mim!
- Depois... um bife, um churrasco - será decerto o teu fim!

RATO - Não me coma D. Gatão - tenho uma doença antiga
fiz um exame de fezes - deu solitária e lombriga!

GATO - Não acredito - É conversa fiada pra escapar!

RATO - Sofro também das urinas, diarreia e mal estar!

- Tenho caspa, convulsões, asma, bronquite, febreão,
coqueluche, diabete, doença do coração!

GATO - Pior do que se comer um pobre rato doente
é a sujeira que se come nesses tais "cachorros quentes"!

RATO - Mas sofro de amigdalite, hemorróida, inflamação,
reumatismo, tosse braba, hepatite e catarrão!

GATO - Não há micróbio tão forte que resista a água quente
e o que escapar se acaba no calor da brasa ardente!

RATO - Tenho alergia, frieira, torcicolo, nervosão,
arteroesclerose preta na raiz do coração
estou sofrendo de AIDS, que peguei numa transfusão!

GATO - Mentira, seu mentiroso - está tentando escapar!
- Não se faça de dengoso - agora vou te agarrar!

(COMEÇA A PERSEGUIÇÃO)

RATO - Ai, meu Deusinho, me ajuda - Minha santa Margarida!
Dê um chute neste Gato - salve minha pobre vida!

- Dê uma rasteira nele - um apertão no pescoço,
uma cancelada na perna - tão forte que quebre o osso!

GATO - Não adianta pedido - não adianta gritar!
- Salta? Pula? Passa pito? - Coitadinho - vou pegar!
Um! - Dois! Três e... lá vai tampo!
- Peguei! - Peguei! - Ra! Ra! Ra!

RATO - (chora) - Ai, Gatão, ai, tenha pena! - Ai Gatão, ai, tenha dó!
- Lá se foi o meu rabinho... Ai, ai, ai, fiquei cotô!

GATO - Que moleza! - só a cauda consegui pegar na briga!

RATO - Ó Gato, me dê meu rabo! - Não enche tua barriga!

GATO - Tem razão, vou pensar nisso - talvez a coisa se ajeite,
posso até trocar o rabo - por um bom litro de leite!

RATO - Leite? - Ah, neste mundão - onde é que vou encontrar
Leite de sapo, de rã, de cobra ou de preá?

- É leite de lagartixa - é leite de jacaré?

- Muriçoca, pernalongo, que espécie de leite é?

GATO - Eu quero leite de vaca - bem gordo e bem fresquinho!
Traga já já ou eu faço - tira-gosto de rabinho!

RATO - Ah, então já vou saindo - vou ver se o leite consigo...
Mas, dê-me primeiro o rabo...

GATO - (feroz) - O rabo fica comigo!

RATO - Me diga onde mora a vaca - que seu leite pode dar...
 GATO - Saia no rumo da venta - logo você achara!

(GATO SAI E RATO COMEÇA A CAMINHADA)

RATO - Uma léguas, duas léguas, sete léguas já corri
 - Inda não encontrei nada - penso até que me perdi!
 Será que a casa da vaca um dia vou encontrar
 e - caso encontre - quem disse - que leite vaca me dá?
 Ah, ali está a cuja - com a qual devo falar
 pra pedir leite pro Gato e ele o rabo me entregar!
 - Dona Vaca, meu pedido será que pode atender?
 Dê-me um pouco de seu leite para D. Gatão beber!

VACA - Com este governo sem freios - que sô nos faz padecer
 Com esta seca medonha - como você vai querer
 que meu leite lhe ofereça - se não tenho o que comer?
 - Dê-me ração ou capim - que leite você vai ter!

RATO - A Vaca sô dará leite - tendo eu capim pra lhe dar!
 Anda, perna! Bate, perna - pela estrada a trafegar!
 Até encontrar o Campo - que capim possa me dar!
 - Uma léguas, duas léguas, sete léguas já corri
 Inda não encontrei nada - penso até que me perdi!
 Ah, ali está o cujo com quem devo falar
 - Ô Campo, dê-me capim para a VACA alimentar
 para dar leite pro Gato e Gato o rabo me dar!

CAMPO - Sem ter quem me regue e trate - estou quase a fenecer!
 O Campo está despresado - o verde está a morrer!
 Com esta seca medonha - como você vai querer
 que capim lhe ofereça - se não tenho o que beber?

RATO - O campo sô dá capim - tendo água pra aguar!
 E agora aonde eu vou - que água possa encontrar?

CAMPO - Siga adiante que a Cacimba - bem poderá ajudar!
 Sem água o capim não cresce e nem leite a Vaca dá!

RATO - Uma léguas... duas léguas... sete léguas já corri!
 Inda não encontrei nada - penso até que me perdi!
 Ah, ali está a cuja com quem eu devo falar
 É a terceira a quem recorro - será que vai ajudar?

Ô Cacimba, dê-me água - para o Campo eu aguar
e dele tirar capim para a Vaca alimentar,
me dar um pouco de leite pra D. Gatão se fartar
pois só assim meu rabinho - ele vai me entregar!

CACIMBA - Ô filho da mãe - você parece um asno perfeito!
Água só posso lhe dar se alguém cavar meu leito
há muito estou enterrada - ninguém me deve respeito!

RATO - Como poderei cavar? - Tenho unhas afiadas,
mas, veja - são tão fraquinhas - logo ficarão quebradas!

CACIMBA - Fale ao ferreiro que ferro ele logo emprestará
se no mundo do egoísmo não veio ainda a entrar!
- Você cava fundo a areia - logo a água brotará!

RATO - Ai, que dor nas minhas pernas - de andar, andar, andar...
- Será que o tal ferreiro - um dia vá encontrar?
- Uma légua, duas léguas, sete léguas já corri
inda não encontrei nada - penso até que me perdi!

Ah, ali está o cujo - com quem deverei falar!
- Bom dia, senhor Ferreiro - atenção pode me dar?

FERR - Diga logo, seja breve, pois estou muito ocupado
tenho encomenda de espeto pra fazer um bom assado!

RATO - Seu Ferreiro, dê-me ferro para a Cacimba cavar,
pra com água aguar campo - pra nele capim brotar,
para capim dar à vaca e vaca leite me dar
para dar o leite ao gato e ele meu rabo entregar!

FERR - Não posso emprestar ferro - pois ferro sem fio está!
A carestia é demais - outro não pude comprar
Se precisa tanto - arranje fogo pro ferro afiar
- vá lá na casa da Bruxa - fogo ela arrumará!

RATO - Uma légua, duas léguas, sete léguas já corri
inda não arranjei nada - penso até que me perdi!

Estou morto de cansado de andar, andar, andar
Subo serra, desço serra - estou longe de chegar!

Será que a casa da Bruxa um dia vou encontrar?

Ah, ali está a cuja com quem deverei falar!

Dona Bruxa, por favor - me dê um pausinho de fogo,
faz três dias com três noites que me bato neste jogo!

Quero fogo pro ferreiro o ferro cego afiar
para cavar a cacimba e ver a água jorrar!

E com ela aguar campo e ver capim vicejar
 pra vaca poder comer e seu bom leite me dar
 pra eu levar para o gato - e meu rabo ele entregar!

BRUXA - Muito embora eu não tenha bons empregos do governo
 Pouco tenho - mas reparto - de ajudar não me nego!
 Vê se chega mais pra perto - pra pegar sem se queimar
 (À parte) - Meto-lhe o pau na testa - e ele "pronto" ficará!
 Empurro então para as brasas - e terei meu bom jantar!

RATO - Essa voz... eu bem conheço - e conheço a expressão!
 É meu eterno inimigo - o miserável Gatão!

Ai, me acuda, meu Deusinho, são José do Currupaco!
 Dê um chute no traseiro do Gatão Jaracutaco
 - E me dê um empurrão - que eu caia no meu buraco!

(OS DOIS NOVAMENTE EM CASA)

GATO - Com o dedão do pé ferido - com o joelho esfolado,
 a cabeça contundida - todo o pelo chamuscado,
 as orelhas retorcidas - e o braço destroncado
 o bum-bum todo moído - e o rabo machucado

- Consegui chegar à casa - pra cumprir a obrigação
 de entregar o rabo ao Rato - e pedir o seu perdão!

Pois esse tal de "Deusinho" que o rato vive a chamar
 não gosta de brincadeira - não é de facilitar!

- Quem quiser fazer maldades - fique certo - vai pagar!

(OS DOIS SE ABRAÇAM)

- E assim termina a estória do Ratinho e do Gatão!
 Entrou por perna de pinto - saiu na do gavião!
 Agora queremos palmas! - Outras estórias virão!

FIM

DIA DAS MÃES

31

Quando eu era pequenino
menor que uma formiga
minha mãe me alimentava
e guardava na barriga!

– Quando nasci, bem fraquinho,
seu leite me oferecia,
me cuidava com carinho
e amor – enquanto crescia!

Hoje, que estou mais crescido
tenho que ser bem bonzinho,
pra mamãe ficar contente
e me tratar com carinho

– Já pensaram num menino
que não tem mãe – o que passa?
Não tem amor, não tem nada,
Só tem tristeza e desgraça

- Demos vivas, neste dia,
que é o de nossa mãe amada!
- Viva nossa protetora!
- Viva nossa Anjo de Guarda!

DEUS E A NATUREZA

Lourdes Ramalho

01. O universo tem astros
pelo infinito dos céus!
Criados pela Vontade
do nosso Pai que é Deus!
02. Nós vivemos num planeta
cheio de graça, que encerra
a vida em todas as formas
que possam existir na Terra!
03. Tudo tem vida – e respira!
Animais e vegetais,
e por menos que acreditem
até mesmo os minerais!
04. Há seres tão pequeninos
que nem se pode enxergar!
Mas lutam os danadinhos
pra obter o seu lugar!
05. Há animais grandes, fortes,
muitos deles já extintos,
cada qual com sua forma
e seus hábitos distintos!
06. Há seres que vivem n'água
outros se libram no ar!
Todas as formas e cores
que se possa imaginar!

54

07. Há vidas presas à terra,
estas são os vegetais
agitam os braços ao vento,
nos dão sombra e tudo o mais!
08. Nós precisamos das plantas,
das águas, também do ar,
de tudo necessitamos
pra viver, pra respirar!
09. Nosso planeta perfeito
nas suas formas e cores!
Meu Deus – que tanta beleza!
Meu Deus – que tantos sabores!
10. Há tanta coisa bonita!
Há tanta coisa gostosa!
Tanto bichinho engraçado
e flor macia, cheirosa!
11. E o azul do oceano!
E o verde da mataria!
O branco manto da neve
na sua beleza fria!
12. O vermelho das auroras,
que despontam no horizonte!
O ouro do sol que brilha
pelos vales, pelos montes!
13. O róseo botão em flor,
a pequenina violeta,
tons, sobre-tons que enriquecem
o encanto do planeta!

14. Seja animal, vegetal,
tudo merece respeito,
cada um tem seu lugar,
cada um tem seu direito!

15. E Deus – o dono de tudo
satisfeito ficará
com a união, o aconchego
que a tudo faz abraçar!

16. Amor! – Respeito! – Carinho
ao mais pequenino ser!
Somos irmãos – nosso Pai
só tem a agradecer!